

INDUSTRIAIS TEUTO-BRASILEIROS EM PELOTAS: CONTRIBUIÇÕES NA ECONOMIA E NA CULTURA DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX.

Cleonice Terezinha Gonçalves de Moraes e Carlos Alberto Ávila Santos

cleonice_moraes@ hotmail.com

betosant@terra.com.br

RESUMO

O presente artigo discorre sobre a importância que os industriais teuto-brasileiros exerceram no desenvolvimento cultural e econômico da cidade de Pelotas, no final do século XIX e início do XX. Enfoca as origens e as histórias desses industriais e, os empreendimentos dos vultos investigados nas áreas da cultura, da economia e da arquitetura da localidade. Salienta a contribuição destes alemães para o progresso da cidade, através da construção das fábricas e das residências ecléticas erguidas por esses senhores.

Palavras-chave: Imigrantes alemães, industriais teuto-brasileiros, patrimônio cultural.

INTRODUÇÃO

A pesquisa investigou a imigração germânica no Rio Grande do Sul, em especial na cidade de Pelotas. A escolha dos teuto-brasileiros Carlos Ritter, Leopoldo Haertel e Frederico Carlos Lang deu-se pelo fato de que os três apresentam vários pontos em comum em suas trajetórias de vida: seus pais nasceram na Alemanha e migraram para o Brasil; os dois primeiros nasceram em colônias de imigrantes; o último nasceu na Alemanha; todos fixaram residência em Pelotas durante o período estudado; os três implantaram na área urbana fábricas de cerveja (Ritter e Haertel) e de velas, sabão e sabonetes (Lang); foram industriais bem sucedidos, preocupados com a educação e a preservação da cultura alemã na cidade que adotaram; contribuíram para o desenvolvimento econômico e cultural de Pelotas, em fins do século XIX e início do XX.

A pesquisa bibliográfica constituiu-se como proposta metodológica através de análises das fontes documentais, entre as quais: jornais e revistas antigas como “A Opinião Pública”, o “Diário Popular” e a “Revista do 1º centenário de Pelotas”, o Inventário intitulado “A chaminé, a fábrica e as moradas de Frederico Carlos Lang”, existentes na seção de Obras Raras da Biblioteca Pública Pelotense; livros, dissertações e teses acadêmicas que discorreram sobre o tema pesquisado. Referências fundamentais para

este estudo foram: a dissertação de Marcos Hallal dos Anjos (2000), que enfocou a vinda de imigrantes de várias etnias para a cidade de Pelotas, no último quartel do século XIX, e a contribuição dada por eles para o desenvolvimento cultural do município, em especial a imigração alemã; a tese de Maria Ângela Peter da Fonseca (2007), na qual foi abordada a imigração alemã no Rio Grande do Sul, a preservação da cultura germânica, e a fundação do Colégio Alemão de Pelotas; a tese de Carlos Alberto Ávila Santos (2007), que objetivou o estudo do ecletismo que se desenvolveu nas cidades da campanha gaúcha, entre os anos de 1870 e 1931.

Os imigrantes alemães

A vinda dos imigrantes alemães para o Brasil foi ocasionada por vários fatores, entre eles: a crise econômica europeia durante o século XIX, a diminuição do tráfico de escravos negros através da Legislação Brasileira e a Abolição da Escravatura em 1888, determinando a necessidade de mão de obra para o trabalho agrícola. A vinda da família real para o Brasil, que de colônia lusitana ascendeu à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (LOPES, 1988), levou à abertura dos portos às nações amigas e à imigração europeia para este país.

No Rio Grande do Sul, os primeiros imigrantes alemães chegaram em 25 de julho de 1824, na recém-formada Colônia de São Leopoldo, em terras da extinta Feitoria do Linho Cânhamo, de propriedade da Coroa Portuguesa¹. Esses imigrantes, que vieram para o sul do Brasil, contribuíram para a implantação de um novo modelo agrícola, “o da pequena propriedade familiar”. No espaço urbano, na condição de artesãos, foram responsáveis pela implantação de setores como a metalurgia, a indústria coureiro-calçadista, entre outros. Trouxeram consigo a tradição escolar, que fez do Estado, o mais alfabetizado da Federação (DREHER, 2008).

Segundo Anjos (2000), a imigração no Brasil serviu a dois propósitos diferenciados:

O primeiro, de iniciativa particular, estimulado pelo Governo, visava prover de braços o trabalho agrícola ameaçado pela diminuição de mão-de-obra escrava, especialmente a partir de 1850, com a lei de proibição do tráfico negreiro (...) atendia aos apelos da tese racista de necessidade do branqueamento da população (...). O segundo propósito, de iniciativa oficial, buscava, através da formação de colônias de imigrantes estabelecidos em pequenas propriedades, o incremento da produção de gêneros agrícolas para o consumo interno, o preenchimento dos vazios demográficos estratégicos e a formação da futura classe operária (ANJOS, 2000, p. 63).

A partir de 28 de outubro de 1848, com a Lei Imperial nº. 514, as Províncias passaram a ter coparticipação no processo imigratório, o que deu novo impulso à colonização do

¹ Neste local era produzido, através de mão de obra escrava, o linho-cânhamo. Do caule dessa planta era extraída uma fibra muito resistente, com a qual eram produzidas cordas muito utilizadas nos navios.

território nacional. Tal lei determinou que o “Governo Imperial concedesse a cada Província trinta e seis léguas de terras devolutas para fins exclusivos de colonização” (Ibid). Segundo Roche (1969), foi o próprio governo brasileiro que introduziu essa colonização, atraindo os imigrantes através de várias vantagens divulgadas na Europa. Era do interesse do Imperador D. Pedro I, o povoamento e a exploração de novas regiões do Brasil através de brancos não portugueses.

Em 1824, a Alemanha não existia como Estado, só foi no Brasil que os imigrantes passaram a ser denominados “alemães”. Estes vieram de vários territórios independentes, que mais tarde, a partir de 1871, e após a Guerra Franco-Prussiana, foram unificados constituindo a nação denominada como Alemanha. Assim, os primeiros embarques de imigrantes para o Brasil partiram de diferentes locais germânicos. Os primeiros navios não estavam preparados para o transporte humano; foi em 1842 que Bremen criou legislação para normas mínimas de transporte de passageiros.

O tratamento dispensado aos colonos imigrantes não era dos melhores, a questão da alimentação era problemática e os casos de morte na travessia do Oceano Atlântico não eram raros. Durante as viagens surgiam casos de tifo, de cólera, de crupe e de outras epidemias, devido à aglomeração de pessoas no interior dos navios e à insalubridade das embarcações. As condições dos portos brasileiros também não eram boas; os passageiros desciam das embarcações por escadas de cordas e eram novamente embarcados em pequenos botes, já em terra eram encaminhados para a “Casa dos Imigrantes”, onde cumpriam um período de quarentena (DREHER, 2008).

No Rio Grande do Sul, as primeiras colônias implantadas para os imigrantes alemães, que na sua maioria eram agricultores, foram criadas pelo Império a partir da data já pontuada de 1824. No ano de 1850, essas iniciativas passaram a ser efetuadas pelo governo provincial e por particulares. Em sua estrutura básica, ocorriam por meio de penetrações na floresta subtropical e se conformavam nas denominadas picadas onde eram assentadas as famílias. Os diferentes lotes de terreno guardavam uma distância média de 300 metros. As propriedades inicialmente possuíam 75 hectares. A partir do ano de 1850 passaram a medir 50 hectares. E, após a data de 1870, eram destinados 25 hectares a cada família. Nessas picadas surgiram centros de vida comunitária, como escolas, capelas, armazéns e cemitérios (Ibid).

Segundo Grützmann (2008), os alemães atuaram na área do comércio e em diversas outras atividades, desde o ensino da língua estrangeira ao jornalismo, das atividades em óticas e em farmácias aos hotéis e à fabricação de fumo, de cervejas, de velas, sabão e sabonetes. Por um lado, os imigrantes estrangeiros e seus descendentes tiveram que adaptar as suas vidas e os seus costumes em relação à alimentação, à moradia, ao vestuário e ao idioma local, decorrentes do novo meio geográfico no qual se inseriram, dos produtos culinários e dos materiais disponíveis para a construção em arquitetura ou nas lavouras. Por outro, também influenciaram a cultura local. Com seu modo de viver, suas crenças, comidas, cantigas e danças fizeram do Rio Grande do Sul um estado à parte da nação, posto que o legado deixado por esta cultura estrangeira foi incorporado à vida diária dos gaúchos atuais.

Os vários dialetos trazidos pelos imigrantes foram aos poucos se transformando, com o contato com o povo gaúcho, pois o idioma alemão não possuía palavras para designar os aspectos da região brasileira:

(...) a aquisição e formação deste novo léxico visavam preencher as lacunas existentes no idioma de origem em relação às especificidades existentes na nova terra (...). A língua padrão foi uma das categorias de identificação e de diferenciação dos imigrantes e de seus descendentes no contexto de outros grupos étnicos (...) acionada por diferentes segmentos envolvidos com a política de preservação da germanidade durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX (GRÜTZMANN, 2008, p. 26).

Os imigrantes alemães trouxeram consigo distintas técnicas construtivas e traços arquitetônicos diferenciados, que tiveram que ser adaptados aos materiais aqui existentes, às variações locais e à imposição do meio geográfico. A primeira moradia dos imigrantes foi a choupana feita com material retirado da mata:

Este rancho era construído a partir de caibros que sustentavam uma cobertura em geral feita de ramos de palmito ou outro material disponível na localidade. A esta choupana primitiva sucedeu o rancho de pau-a-pique erigido a partir de uma estrutura formada de quatro estacas sobre a qual se colocava um vigamento amarrado com cipós, coberto, por sua vez, com ramos, folhas ou mesmo capim (...). Em localidades de madeira abundante e de serrarias próximas, os imigrantes e seus descendentes construíram o casebre de madeira de tábuas serradas, coberto com telhado de tabuinhas (...). À medida que as colônias se desenvolviam e os colonos prosperavam, as choupanas e as casas de madeira deram lugar a casas mais sólidas, amplas e confortáveis. Uma das modalidades consistia na casa em enxaimel (...), de telhado simétrico ou assimétrico, com madeiramento aparente, inicialmente construída com paredes de taipa e, posteriormente, de pedra, tijolos e cimento, coberta com um telhado de madeira, zinco ou telha (GRÜTZMANN, 2008, p. 28).

Em relação ao vestuário e à alimentação, outras adaptações foram realizadas. Em vez das roupas pesadas de lã e de linho, os estrangeiros tiveram que optar por tecidos mais leves como o brim, a chita e o morim, adotando para as lidas do campo o uso do chapéu de palha, chinelos e tamancos. Na nova terra, agregaram novos hábitos alimentares e aprenderam a cultivar e consumir o milho, a mandioca, a abóbora, a batata-doce, além do charque, do churrasco, da aguardente e do chimarrão, mas também inseriram pratos e bebidas estranhas à região, como a cerveja, as cucas com frutas cristalizadas, o schmier ou chimia/geleia, o chucrute e a linguiça (Ibid).

Outro aspecto importante trazido pelos estrangeiros germânicos foi a preocupação com a educação dos filhos:

A tradição escolar alemã recebeu forte incremento no século XVI, a partir da Reforma, com a insistência de Lutero e de Melanchthon junto às municipalidades e governos territoriais

para que criassem e mantivessem escolas. Desde o século XVII haveria obrigatoriedade de frequência escolar nos territórios da Prússia, depois imitada pelos demais territórios alemães. Não raro, padres e pastores assumiam, por determinação governamental, a função de inspetores de ensino. A partir da tradição criada nos territórios de origem, é compreensível que as comunidades humanas que se estabeleciam nas picadas alemãs no Rio Grande do Sul criassem e mantivessem escolas. Surgiram, assim, escolas comunitárias que tiveram franco desenvolvimento até a instalação do governo de Getúlio Vargas (1930-1945) (...). As escolas comunitárias constituíam-se nas picadas como sociedades escolares com diretoria própria, responsável pela contratação de professor, estabelecimento de conteúdos programáticos, construção e manutenção de prédios (DREHER, 2008, p. 42).

Na metade sul do Rio Grande do Sul, imigrantes alemães foram assentados na Colônia de São Lourenço, situada na Serra dos Tapes, e fundada oficialmente no dia 18 de janeiro de 1858. Foi um empreendimento particular de Jacob Rheingantz (1813-1877). Após a sua morte, seus sucessores criaram a Colônia Arroio Grande, em 1881, e a Colônia Progresso, em 1891. Na região serrana de Pelotas, além das colônias idealizadas por Rheingantz, constituíram-se outras, também de iniciativa privada. Foram empreitadas desenvolvidas por estancieiros, charqueadores e comerciantes pelotenses, interessados no lucro econômico que a região da serra poderia lhes oferecer. Uma firma que se destacou nesse negócio foi a cervejaria *Carlos Ritter & Irmão*, que faz parte deste estudo, e que em 1900 fundou a Colônia Santa Rita, a Colônia Visconde da Graça e a Colônia Ritter. A partir da segunda metade do século XIX, a presença teuta em Pelotas não se restringia apenas à agricultura, posto que se estendeu às fábricas implantadas no espaço urbano de Pelotas. Além da cervejaria Ritter, já citada, a *Fábrica F. C. Lang* e a *Cervejaria Sul Rio-Grandense* deram um grande impulso à economia pelotense da época.

Os três industriais teuto-brasileiros²

Carlos Ritter, filho de imigrantes alemães, nasceu em São Leopoldo no dia 21 de janeiro de 1851. Seu pai, Georg Heinrich Ritter, nascido na Alemanha, chegou ao sul do Brasil aos 24 anos, com os pais e seis irmãos. Durante a viagem de navio, Georg conheceu sua primeira esposa, Elisabeth Fuchs. Inicialmente, Georg Heinrich Ritter dedicou-se à agricultura, depois de algum tempo abriu a primeira casa de comércio na Linha Nova, na época Colônia Picada Nova, distrito pertencente a São Leopoldo. Em 1864, construiu uma das primeiras casas da localidade. No porão dessa residência, por volta do ano de 1868 criou a primeira manufatura de cerveja do Rio Grande do Sul (BEISER, 2009)³.

² O termo teuto-brasileiro – Deutschbrasilianer – utilizado neste trabalho é uma denominação surgida na segunda metade do século XIX, para definir o duplo pertencimento do grupo étnico teuto-brasileiro à etnia alemã e ao Estado brasileiro na qualidade de cidadão (SEYFERT, 1994, apud FONSECA, 2007).

³ Disponível em: www.pucrs.br/órgãos/edipucrs. Acesso em 12/07/2012.

Carlos Ritter transferiu-se para Pelotas e, na década de 1870, fundou na cidade a *Cervejaria Ritter*, localizada na Rua Tiradentes, às margens do Arroio Santa Bárbara. Mais tarde, a cervejaria foi deslocada para a esquina das atuais ruas Santos Dumont e Marechal Floriano, junto à ponte do Arroio Santa Bárbara. (Figura 1)

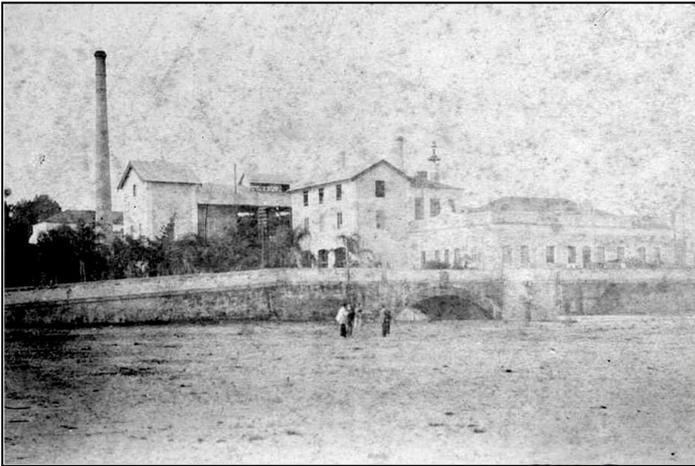


Figura 1: *Fábrica de Cerveja Carlos Ritter.* **Fonte:** Disponível em: <http://historiaxatualidade.blogspot.com.br> Acesso em 21/02/2013.

O irmão de Carlos Ritter, Frederico Jacob, associou-se à fábrica no ano de 1884, depois de voltar da Alemanha onde aprendeu o fabrico teórico e prático da cerveja. Dessa união, surgiu a premiada firma *Carlos Ritter & Irmão* (Figura 2), que também investiu no lucrativo negócio de colonização da Serra dos Tapes, fundando nos arredores de Pelotas, como já foi assinalado, as colônias Santa Rita, Visconde da Graça e Ritter, todas formadas por imigrantes alemães (ANJOS, 2000).



Figura 2: *Fábrica de Cerveja de Carlos Ritter & Irmão.* **Fonte:** Projeto Pelotas Memória. Disponível em: www.cultive-ler Acesso em: 21/02/2013.

A qualidade da produção era garantida pela importação de equipamentos e de técnicos alemães. Com isso, a *Cervejaria Ritter* obteve prêmios estaduais, nacionais e internacionais. No início do ano de 1901, foi realizada em Porto Alegre uma Grande Exposição Estadual. O evento seguiu o costume dos países industrializados europeus, na realização das Grandes Exposições Universais, nas quais as nações participantes expunham suas novas invenções e tecnologias aplicadas à produção industrial. A mostra de Porto Alegre realizada nos campos da Redenção, que inaugurou o novo século, teve a participação de expositores de várias cidades gaúchas. Os participantes pelotenses

foram reunidos em um único Pavilhão, erguido especialmente para a cidade. O evento foi aberto ao público no dia 24 de fevereiro (DIÁRIO POPULAR, p.2, 24 fev. 1901) e se prolongou até o dia 4 de junho (Ibid, p. 1, 4 jun. 1901).

No mês de fevereiro, dias antes da abertura da Exposição Estadual, o Diário Popular publicou a remessa de vários produtos pelotenses enviados pelo porto para a exposição da capital, entre estes figuravam doze volumes pertencentes à firma de Carlos Ritter, que continham garrafas de cerveja de seu estabelecimento, e uma “delicadíssima” coleção de pássaros empalhados (Ibid. p.1, 3 fev. 1901). Em junho os jornais divulgaram as premiações com medalhas de ouro, de prata ou de bronze entregues aos expositores. Entre os participantes de Pelotas premiados com medalha de ouro estava a empresa *Carlos Ritter & Irmão*, pela sua cerveja da marca *Ritter-Braü*, preta e branca, “*systema*” Baviera (Ibid. 5 jun. 1901).

Em 1898, com a intenção de aperfeiçoar a produção e o beneficiamento da cerveja, a empresa começou a produzir gelo. Durante a sua existência, a fábrica produziu as cervejas: *Pelotense* (branca, preta), *Pilsen*, *Ritter Braü* (branca e preta) e *Maerzen* (Ibid). Os irmãos Ritter associaram-se a Leopoldo Haertel, descendente de alemães nascido em Porto Alegre, fundador da *Cervejaria Sul Rio-Grandense*. Com a associação, formou-se a *Cervejaria Continental*, mais tarde vendida para a *Brahma*.

Carlos Ritter foi um dos fundadores do Centro Agrícola-Industrial de Pelotas, criado em 1887, cujo objetivo era consolidar o comércio, a agricultura e a indústria da região. Foi tesoureiro da Comunidade Evangélica Alemã, fundada em Pelotas em 20 de outubro de 1888, e seu presidente no período de 1895 a 1899. Foi um dos grandes benfeitores do Colégio Alemão de Pelotas, que em sua homenagem recebeu o nome de Colégio Carlos Ritter.

Em reportagem que prestou homenagem ao vulto pelotense teuto-brasileiro, quando de sua morte, encontraram-se informações de que Ritter casou-se com Augusta Keffer Ritter. Com ela teve os seguintes filhos: Bertha Ritter Matuscheck; Frederico Carlos Ritter; Othilia Ritter Ruge, casada com Frederico Ruge; Christina Elisabeth Ritter Sander, casada com Frederico Sander (A Opinião Pública, 13 out. 1926).

O industrial Carlos Ritter habitou a Vila Augusta, localizada na Avenida Duque de Caxias. Apaixonado por botânica, o proprietário organizou um amplo jardim no terreno fronteiro à vila residencial, que era aberto ao público durante os verões para as sociabilidades e prazer dos visitantes (SANTOS, 2007). Na década de 1880, na área arborizada, funcionou o Clube Germânia.

Ritter foi um naturalista autodidata e contribuiu para a arborização da Avenida 20 de Setembro (atual Duque de Caxias), com uma plantação de eucaliptos. Grande colecionador, elaborou curiosos mosaicos feitos de insetos, os quais retratavam pontos turísticos da cidade de Pelotas. Dedicou-se à História Natural de forma dinâmica para a época, conquistando reconhecimento através de sua fabulosa coleção de aves, hoje preservada em sua totalidade. Demonstrou ser um excelente taxidermista.

Carlos Ritter faleceu no dia 11 de outubro de 1926, aos 75 anos de idade, na cidade de Pelotas. Após o seu falecimento, sua esposa doou à Escola de Agronomia grande parte de seu acervo e de sua coleção particular de espécimes zoológicos. Atualmente, esses

objetos fazem parte do acervo do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, da Universidade Federal de Pelotas.

O Capitão Leopoldo Haertel, descendente de família de imigrantes alemães que se instalou na região de São Leopoldo, nasceu em Porto Alegre. Mais tarde, transferiu-se para Pelotas onde fundou a cervejaria *Sul Rio-Grandense*, no ano de 1889, situada na zona portuária da cidade, no quarteirão formado pelas ruas Benjamin Constant, Conde de Porto Alegre, José do Patrocínio e João Pessoa. A residência da família de Leopoldo Haertel foi erguida junto à fábrica, em lote central do quarteirão, cuja fachada principal era voltada para a Rua Benjamin Constant. (Figura 3) Ao lado do prédio residencial, uma construção de esquina abrigava os escritórios da empresa. Tanto a fábrica como os edifícios do escritório e da residência apresentavam elementos do ecletismo historicista (SANTOS, 2007).



Figura 3: Residência de Leopoldo Haertel.

Fonte: Disponível em: <http://historiaxatualidade.blogspot.com.br> Acesso em 21/02/2012.

A indústria de Leopoldo Haertel fabricava as cervejas *Peru*, *Porco* e *São Luiz*, e também produzia águas gasosas e gelo (MONTELLI, 2005). A sua localização próxima ao porto da cidade facilitou a exportação de muitos desses produtos. Em abril de 1913, as notícias dos jornais publicaram a importação pela *Bromberg & Cia.* pelotense, “do solido auto para a condução de gelo encomendado pelo Capitão Leopoldo Haertel”. As paredes internas do caminhão eram todas “perfeitamente isoladas de modo a concentrar a maior força do gelo construído”. O veículo dispunha da força de “21 cavallos” (DIÁRIO POPULAR, p.1, 20 abr. 1913). Na Grande Exposição Estadual de 1901, a cervejaria de Leopoldo Haertel foi premiada com medalha de bronze, pela fabricação da cerveja *Culmbacher*.

Frederico Carlos Lang nasceu em 5 de dezembro de 1836, na localidade de Berschweiler, na Alemanha, faleceu em Pelotas no dia 18 de junho de 1899. O imigrante alemão veio para o Brasil em 1861 e trabalhou primeiramente no comércio da cidade de Rio Grande, depois se transferiu para Pelotas, onde se empregou na fábrica de sabão de Luiz Eggers, conterrâneo seu. Depois de algum tempo comprou o estabelecimento de Eggers, situado na “Costa”, que posteriormente abrigou a charqueada de João Mendonça Moreira. Frederico Carlos Lang fundou oficialmente a fábrica *F. C. Lang & Cia* no dia 20 de setembro de 1864 (Revista do 1º centenário de Pelotas, 1912).

A empresa iniciou suas atividades com a fabricação de sabão comum e velas de sebo, aproveitando a matéria-prima fornecida pelas charqueadas⁴, com apenas dois funcionários. Pelo fato de não haver iluminação elétrica na época, a vela era uma mercadoria de grande aceitação no mercado. Devido à boa qualidade da produção e com o aumento da procura dos produtos, Lang ampliou a fábrica, e para isso foi obrigado a comprar a chácara de João Cirer, situada na estrada da Costa (atualmente Avenida Domingos de Almeida), em terreno próximo ao Arroio Pepino. A transação foi realizada no ano de 1870 e a indústria foi instalada neste local (Revista do 1º centenário de Pelotas, 1912 - Figura 4).



Figura 4: A Fábrica *F. C. Lang & Cia*. Na imagem à esquerda: primeira sede da fábrica. Na imagem à direita: Aspecto da fábrica nomeada *F. C. LANG S/A IND. COM.*, no ano de 1922. **Fonte:** Acervo da Biblioteca Pública de Pelotas.

A empresa situava-se estrategicamente entre a Tablada, local de comercialização do gado, e as manufaturas de salga, com acesso fácil às charqueadas através da Estrada da Costa do Pelotas. Frederico Carlos Lang viajou para a Europa em 1878, levando seus filhos para que tivessem uma educação técnica aprimorada. No ano de 1879 a firma passou a produzir sabão perfumado e sabonetes. Frederico Lang importou da Europa, no ano de 1880, caldeiras e maquinismos para a fabricação de velas de stearina⁵, cujo empreendimento não deu resultado, pois as máquinas já estavam ultrapassadas e o profissional contratado para dirigir essa seção não possuía a competência necessária. A caldeira então foi aproveitada para fornecer vapor, derreter e apurar as gorduras e alimentar o motor para uma pequena serraria (Ibid).

Em 1885, retornou da Europa seu filho Frederico Carlos Lang Filho, que após estagiar em Hamburgo engajou-se na empresa da família. Em 31 de dezembro de 1898, o fundador retirou-se da firma passando-a para seus filhos Frederico Carlos Lang e José Ernesto Augusto Lang (CUNHA, 1911). Em 1903, Ernesto Lang estudou na Europa o fabrico da stearina, também comprou o necessário maquinismo montado no decorrer do ano de 1904. No ano de 1905 iniciou a fabricação regular do produto.

Durante sua existência a *F. C. Lang & Cia* recebeu prêmios nacionais e internacionais. Na Grande Exposição Estadual de 1901, os produtos da fábrica apresentaram “belo atestado da nossa indústria, manufacturados a capricho”. O “mostrador” em que

⁴ Estabelecimento onde se charqueia a carne. Charque: carne da vaca, salgada e seca em mantas (FERREIRA, 2000).

⁵ Velas de cera.

estavam expostos era um trabalho de “arte e paciência feito à cera”, inclusive as colunas que lhe serviam de apoio. A coleção de sabonetes, sabão, velas de sebo e cera, óleos e outros era variada e “brilhante”. Já conhecida, a firma havia sido premiada no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, em Paris e em Chicago (DIÁRIO POPULAR, p. 2, 16 jan. 1901). Na mostra de Porto Alegre, a *F. C. Lang & Cia* recebeu medalha de ouro pelas velas de “cebo”, e medalha de prata pelos sabonetes de “toilette” e sabão comum (Ibid. entre 26 abr. e 5 jun. 1901).

A empresa *Lang & Cia.* foi a primeira a cultivar arroz na região, nessa área se associou com o Sr. M. Saenger. Em 1903, nas terras do Coronel Alberto Roberto Rosa, situadas na estrada da Costa do Arroio Pelotas, foram preparados 60 hectares e plantados 100 sacos de sementes. A irrigação vinha do Pelotas. Os dois primeiros anos foram de insucesso, mas o terceiro ano foi coroado de êxito, o que fez a empresa montar engenho próprio para beneficiamento do arroz.

Em 1910, a firma funcionava com 100 operários de ambos os sexos, tendo uma grande evolução no processo de industrialização e diversificação da produção, com a vela de estearina, a fabricação de óleos, sabonetes e sabão perfumado (CURCIO, Daniela et al, 2001, apud Oliveira, 2002). Em 1911, o empreendimento foi equipado com modernas instalações elétricas, que geraram força e luz para a fábrica e para todo o bairro da Luz. Em 31 de dezembro de 1921, Ernesto Lang retirou-se da firma, quando assumiu a direção da empresa seu irmão Frederico Carlos Lang Filho, até seu falecimento no ano de 1935. Com isso, Frederico Carlos (Carlitos), neto do fundador, passou a gerenciar a indústria, já que estava inserido nela desde 1915. Carlitos Lang faleceu em 1972. Em 1944, antes de Carlitos deixar a direção, o bisneto do fundador, também Frederico Carlos Lang, já se preparava para controlar o empreendimento, junto com seu irmão gêmeo Hugo Carlos Lang e o cunhado, Fernando Gilberto Vianna (DIÁRIO POPULAR, p. 10, 1990).



Figura 5: *F. C. Lang & Cia.* Na imagem à esquerda: vista dos pavilhões e das duas chaminés da fábrica. Na imagem à direita: vista da indústria pela Rua Gonçalves Chaves. **Fonte:** Acervo da Biblioteca Pública de Pelotas.

A *F. C. Lang & Cia* funcionou até o ano 2000. Atualmente, grande parte dos galpões da fábrica foi demolida. Mas permanecem ainda algumas construções e uma das chaminés da indústria. Estes representam um marco referencial para a história de Pelotas. (Figura 5)

Frederico Carlos Lang foi casado com Margarida Luiza Lang, natural da Alemanha. Deixou os seguintes herdeiros: Frederico Carlos Lang, casado com Georgina Cordeiro Lang; Ofélia Cristina Lang Bammann, casada com João Luís Bammann; José Ernesto Augusto Lang, casado com Thusnelda Wierner Lang; Leopoldina Elvira Lang Boyunga, casada com Hermam Cláudio Boyunga⁶. A família habitou na Vila Laura, erguida na esquina das ruas Antônio dos Anjos e Gonçalves Chaves, em frente à fábrica.

Os teuto-brasileiros e a educação da comunidade germânica

Os imigrantes alemães que se radicaram na cidade de Pelotas na década de 1840, exerciam profissões ligadas ao comércio e à indústria. Formaram uma pequena burguesia reunida em torno de sociedades culturais e de lazer, “cultivando as raízes de uma cultura genuinamente étnica” (FONSECA, 2007). Esses imigrantes, como já foi pontuado, davam muito valor à educação dos filhos, devido aos ideais de Martin Lutero e à Reforma protestante. Quando chegaram ao Rio Grande do Sul, traziam a ideia de uma instituição escolar pública, vinculada à religião; era o modelo de escola que tinham na sua terra natal. Mas, ao chegarem à província, depararam-se com outra realidade, por esse motivo fundaram escolas para a educação dos teuto-brasileiros.

O Colégio Alemão de Pelotas criado pelos imigrantes objetivava conservar o germanismo⁷, transmitido através da língua alemã. Foi fundado no dia 17 de dezembro de 1898, iniciando suas atividades em janeiro de 1899, na Rua Osório nº 47. Foi transferido no ano seguinte para Rua Gonçalves Chaves, nº 162. Em 1907, passou a funcionar em endereço definitivo, na Rua Félix da Cunha nº 763, através do financiamento de Carlos Ritter & Irmão. Razão pela qual passou a chamar-se Colégio Carlos Ritter de Pelotas, em homenagem ao seu maior benfeitor, até o seu fechamento em 1942, conforme os dados obtidos por Maria Ângela da Fonseca (2007). Foi mantido pela Comunidade Alemã Evangélica, fundada na cidade de Pelotas em 20 de outubro de 1888, que teve como presidentes entre os anos de 1888 a 1901: Francisco Behrendorf (1888-1893, 1899-1901), Frederico Carlos Lang (1893-1895) e Carlos Ritter (1895-1899), um forte comerciante e dois grandes industriais (SIMON, 1938 apud FONSECA, 2007).

⁶ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. ms. INVENTÁRIO de Frederico Carlos Lang, nº 519, maço 13, estante 33, 2º Cartório do Civil e do Crime, Pelotas, 1899. (Informação retirada do Dossiê: A chaminé, a fábrica e as moradas de Frederico Carlos Lang, 2002).

⁷ (...) o germanismo, incluía tudo o que poderia ser entendido como étnico por referência à ideia de origem comum-ancestralidade - unidos por um passado pioneiro comum que, simbolicamente representava a unidade étnica (SEYFERT, 1982 apud FONSECA, 2007).

O patrimônio arquitetônico legado pelos teuto-brasileiros

Conforme a pesquisadora francesa Françoise Choay (2006), o termo “patrimônio” teve seu significado ampliado com a Revolução Francesa. Foi resultante da destruição que sofreram os prédios antigos da nobreza ou do clero, através das depredações e dos incêndios causados pelos fanáticos militantes revolucionários. Preocupado com o desaparecimento dos edifícios que constituíam a riqueza arquitetônica da França, o novo governo republicano proibiu por lei estas ações de vandalismo, dado que as mesmas atentavam contra o patrimônio edificado da nação.

Ainda na mesma obra, Choay esclareceu que a origem da palavra patrimônio está ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Os monumentos arquitetônicos, por apresentarem valores estéticos e culturais de um determinado tempo e lugar, são monumentos históricos. E em relação ao patrimônio histórico escreveu a autora:

A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos. Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, “patrimônio histórico” tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e a uma mentalidade (CHOAY, 2006, p. 11).

Segundo o dicionário de língua portuguesa (FERREIRA, 2000) o termo patrimônio é definido como: herança paterna, bens de família, riqueza, os bens materiais, ou não de uma pessoa ou empresa. As fábricas montadas, como as residências dos teuto-brasileiros industriais, todas em estilo eclético, hoje integram o patrimônio arquitetônico de Pelotas.

A Vila Augusta foi edificada entre os anos de 1908 e 1913, erguida no bairro Fragata para residência da família de Carlos Ritter. A caixa mural do prédio remete aos edifícios italianos do período maneirista. Como por exemplo: a construção realizada no centro de um amplo jardim; a composição tripartida da fachada; as colunas *palladianas* do pórtico de entrada; o balcão com balaustres que dialoga com a platibanda adornada com frontão que apresenta curvas e contracurvas; os corpos salientes que abrigam as janelas encimadas por frontões triangulares (SANTOS, 2007). Hoje, a antiga residência é de propriedade da Universidade Federal de Pelotas, onde está instalada parte da Faculdade de Medicina, mas antes disso já sediou o Instituto de Higienização Borges de Medeiros. (Figura 6)



Figura 6: Vila Augusta. Na imagem à esquerda: fachada da residência. Na imagem à direita: vista lateral da residência. **Fonte:** Fotos da autora, 2013.

O termo “vila” identifica as construções residenciais da arquitetura romana clássica, erguidas fora dos centros urbanos e situadas no centro de grandes parques ou jardins pitorescos. Na Roma antiga destacou-se a vila do imperador Adriano, edificada próxima da cidade de Tívoli, que ainda hoje admira o visitante pelo suntuoso conjunto arquitetônico com jardins, lagos e pórticos (CAVALCANTI, 1968). As vilas multiplicaram-se no maneirismo italiano, como a Vila Capra ou Vila Rotunda construída próxima de Vicenza pelo arquiteto Andrea Palladio (PICHEL, 1966). Na França, os termos *maison de plaisance* correspondem à denominação de vila e identificam mansões residenciais com as mesmas características daquelas italianas, porém edificadas durante o período rococó, no século XVIII (CAVALCANTI, 1978).

Em Pelotas, as vilas residenciais foram construídas afastadas do centro da cidade para moradia dos industriais, erguidas no centro de grandes lotes de terrenos organizados em jardins. Estas vilas foram típicas do ecletismo que se desenvolveu na cidade entre os anos de 1900 e 1931 e, normalmente, se constituíram em sobrados nos quais o pavimento térreo era ocupado por áreas sociais e de serviços, e o andar superior conformava uma área íntima dividida em dormitórios e banheiros (SANTOS, 2007).

A residência e a fábrica de cervejas de Leopoldo Haertel foram construídas no bairro do porto, com acesso pela Rua Benjamin Constant, onde se encontravam dois exemplares da arquitetura residencial de porte médio (uma servia como escritório da firma e a outra como residência do proprietário). Esses dois prédios apresentavam peculiaridades do ecletismo arquitetônico: o porão alto, as decorações de estuque das fachadas, as platibandas ornamentadas que escondiam as coberturas com telhas de barro (SANTOS, 2007). As duas edificações tinham os frontispícios principais voltados para a Rua Benjamin, ao fundo do lote, e preenchendo por inteiro o quarteirão, foi erguida a antiga fábrica (MONTELLI, 2005). Hoje, todas as edificações estão arruinadas e pertencem também à UFPel. Existe projeto para transformá-las em um centro cultural. (Figura 7)



Figura 7: Cervejaria Leopoldo Haertel. Na imagem à esquerda: escritório da cervejaria. Na imagem à direita: Residência de Leopoldo Haertel. **Fonte:** Fotos do autor, 1997.

A Vila Laura, como já foi mencionado, está situada em lote de esquina das ruas Gonçalves Chaves e Antônio dos Anjos, é um sobrado com telhado pontiagudo composto por telhas francesas, apresenta várias águas. As fachadas exibem elementos ornamentais de estuque, que imitam a técnica construtiva germânica denominada de enxaimel, na qual esteios de madeira eram inseridos nas paredes de alvenaria de tijolos, auxiliando no equilíbrio da caixa mural. Tanto o telhado como a imitação do enxaimel remetem às construções alemãs e à origem do proprietário (SANTOS, 2007). Atualmente, a construção apresenta bom estado de conservação e ainda pertence à família do proprietário original. A antiga vila residencial, de características ecléticas, está alugada para uma escola de língua inglesa. (Figura 8)



Figura 8: Vila Laura. Na imagem à esquerda: Fachada da residência. Na imagem à direita: Vista frontal e lateral direita da mesma residência. **Fonte:** Fotos da autora, 2013.

Pelas peculiaridades que apresentam as edificações residenciais dos três industriais alemães – nas técnicas construtivas, nos materiais empregados e no estilo historicista eclético – todas elas, próprias de um tempo passado, como também por terem abrigado vultos importantes da elite pelotense da época, são construções que evidenciam valor histórico e estético para a comunidade pelotense atual. A fábrica e a residência de Leopoldo Haertel estão arruinadas, mas esses valores ainda estão presentes na Vila

Laura e na Vila Augusta. Por esse motivo, as duas residências ascenderam à condição de bens materiais que integram o patrimônio arquitetônico de Pelotas.

CONCLUSÃO

Na metade sul do Rio Grande do Sul, imigrantes alemães foram assentados a partir da metade do século XIX, em sítios destinados à colonização agrícola. Alguns destes imigrantes e seus descendentes transferiram-se para as zonas urbanas, onde exerceram diferentes atividades ligadas ao comércio ou à indústria. Frederico Carlos Lang, Leopoldo Haertel e Carlos Ritter são exemplos significativos desta questão. Os três se estabeleceram em Pelotas, que a partir de 1870 apresentou grande crescimento econômico originado da produção e exportação do charque e de seus derivados. A cidade ascendeu como principal polo da região da campanha gaúcha e atraiu aventureiros, comerciantes, construtores, artistas e artífices da região, de outras províncias e estrangeiros.

Frederico Carlos Lang fundou em Pelotas a *F. C. Lang & Cia*, indústria produtora de velas de sebo, de cera, óleos, sabonetes e sabão perfumado. A empresa também atuou na plantação de arroz e criou engenhos para o beneficiamento dos grãos. Carlos Ritter e Leopoldo Haertel implantaram na cidade as fábricas *Ritter* e *Haertel*, que produziram diversas qualidades de cerveja e fabricaram gelo. Todos enriqueceram com as firmas criadas, que receberam prêmios regionais, nacionais ou internacionais pela qualidade dos seus produtos. Em Pelotas, constituíram família e na localidade morreram, deixaram muitos descendentes. Os edifícios que alojaram os empreendimentos criados, como também os prédios que abrigaram as famílias dos industriais teuto-brasileiros, vinculados à estética historicista eclética, hoje integram o Patrimônio Cultural local.

Os três alemães integraram a Comunidade Evangélica. Carlos Ritter fundou e apoiou financeiramente o Colégio Alemão, em atividade na cidade entre os anos de 1898 e 1942. Por sua atuação no educandário, o estabelecimento foi nomeado como Colégio Carlos Ritter. Dessa maneira, os imigrantes ou filhos de imigrantes tornaram-se cidadãos pelotenses e contribuíram para com a economia e para com a cultura local. A intenção desta pesquisa foi discorrer sobre a atuação desses vultos importantes para a história e a memória de Pelotas, trabalho que pode ser objeto da Educação Patrimonial. Os legados deixados pelos industriais interferiram no desenvolvimento cultural e econômico do município e, ajudaram a promover a cultura germânica na cidade de Pelotas.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX.** Pelotas: UFPel, 2000.

BEISER, Ana Cristina Pires. **Frederico Augusto Ritter: de cervejeiro a doceiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em:

<[http:// www.pucrs.br/orgaos/edipucrs](http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs)>. Acesso em 12 de julho de 2012.

CAVALCANTI, Carlos. **História das Artes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **História das Artes**. Rio de Janeiro: Rio, 1978.

CERQUEIRA, Fábio et al. **Educação patrimonial: perspectivas multidisciplinares**. Pelotas: UFPel; 2008.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Notícia Descritiva de Fábricas de Pelotas**, 1911.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FONSECA, Maria Ângela Peter da. **Estratégias para a preservação do germanismo (Deutschum): gênese e trajetória de um collegio teutobrasileiro urbano em Pelotas (1898-1942)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, 2007.

GRÜTZMANN, I.; DREHER, M. N.; FELDENS, J. A. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos/Unisinós, 2008.

LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico?** São Paulo: Brasiliense, 2010.

LOPES, Luiz Roberto. **História do Brasil Imperial**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MONTELLI, Clarissa Castro Calderipe. **Documentação Fotográfica da Antiga Cervejaria Haertel**. Monografia (Pós-Graduação em Patrimônio Histórico e Cultural) Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas, 2005.

OLIVEIRA, Ana Lúcia et al. Dossiê: **A chaminé, a fábrica e as moradas de Frederico Carlos Lang**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFPel, 2002.

PISCHEL, Gina. **História Universal da Arte**. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - Área de Conservação e Restauro) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, 2007.

REVISTAS E JORNAIS:

A Opinião Pública. Pelotas, de 13 de outubro de 1926.

Diário Popular. Pelotas.

Diário Popular: Edição Centenária. Pelotas, 1990.

Revista do 1º Centenário de Pelotas. Pelotas: Biblioteca Pública Pelotense, 1912.
Fascículo nº 5.